
Ali morou uma velha qualquer

There lived a random old lady

Lucas Pessin

Universidade Federal do Rio de Janeiro

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.n51a894>

RESUMO

Este artigo lê o conto “A velha”, de Teolinda Gersão, publicado no Brasil na antologia *Alice e outras mulheres* (2020), e visa apresentar reflexões sobre as precárias condições dos velhos na sociedade contemporânea. Submetida a uma vida medíocre e solitária, veremos o quanto a velha é esquecida tanto pelos familiares quanto pela História. O caminho destas páginas faz ecoar a pergunta: qual o lugar dos idosos na sociedade atual? A pensar nela, a última parte do artigo se volta para a morte da velha e dá ênfase à importância da casa humilde, que é o seu único registro no tempo e no espaço. Naquela casa abandonada pelo tempo, morou uma velha qualquer.

PALAVRAS-CHAVE: A velha; Teolinda Gersão; esquecimento; História; casa.

ABSTRACT

This paper analyzes the story “A velha”, by Teolinda Gersão, published in Brazil on the anthology *Alice and other women* (2020) and intends to present thoughts about the precarious conditions regarding elderly people in contemporary society. Submitted to a mediocre and lonely life, we will see how much the old lady is forgotten by her own family as well as by History itself. The journey of these pages echoes the question: what is the position of elderly people in our present society? Thinking about her, the last section of this paper turns its eyes on the death of the old lady

and it emphasizes the importance of a humble home, her only register in time and in space. In that house abandoned by time, there lived not just anyone but an old lady.

KEYWORDS: The old lady; Teolinda Gersão; History; home.

INTRODUÇÃO

Muito se vê refletido no vasto cenário da ficção portuguesa contemporânea a preocupação com as diferentes formas de opressão no mundo de hoje. Após quase 50 anos convivendo com a ditadura salazarista, a literatura portuguesa do século XXI não abandona o viés crítico-social e põe em evidência assuntos relacionados aos dramas particulares e às subjetividades problemáticas que, de fato, fazem-se presentes nas mesas de discussão da atualidade. Dentre os assuntos principais, o envelhecimento da população ocupa uma posição central, principalmente, se analisarmos a velhice dentro de uma lógica capitalista já consolidada no nosso cotidiano. Perguntamos, então: o que é ser velho na atualidade? Mais precisamente: como nós, imersos numa concepção capitalista de mundo, tratamos os velhos? Recorro à obra de Teolinda Gersão que, ao focalizar a velhice de um corpo feminino, confere a ela uma linha de força que nos leva à reflexão.

Em entrevista à revista eletrônica *Notícias Magazine*, de fevereiro de 2017, a autora portuguesa reflete sobre a presença do envelhecimento como temática em sua obra:

Assumo essa realidade, vivo-a, sofro-a, partilho-a com todos os outros. Também penso que não estamos a proteger os idosos como eles precisam. Há muitas pessoas a viverem sozinhas, a não terem os cuidados médicos que precisam, a serem pressionadas para saírem das suas casas porque alguém quer fazer dali um *hostel* ou um negócio à custa da fragilidade. Os lares não funcionam, levam preços exorbitantes e o que fornecem são os cuidados mínimos (Gersão, 2017).

A afirmação da escritora nos introduz à negligência com os velhos na sociedade, mostrando-nos a falta de lugar e de voz que os idosos têm na contemporaneidade. Como nos diz Marilena Chauí, “a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa” (Chauí, 1979 *apud* Bosi, 1994, p. 18).

Norteadado por essa reflexão, estive diante da antologia de contos *Alice e outras mulheres* (Oficina Raquel, 2020) e um conto, que aqui apresento, salta aos meus olhos: “A velha”, publicado originalmente em *Histórias de ver e andar* (2002). Nele, acompanhamos o cotidiano de uma mulher idosa, sem rosto ou nome, que sente em seu corpo a dureza de envelhecer perante a uma sociedade que não a valoriza. Ao longo destas páginas, observaremos a opressão da velhice à luz do notório aprisionamento dessa velha num cotidiano miserável, sobretudo, medíocre e rodeado de inseguranças.

Este texto, então, expõe uma leitura desse conto a fim de não só destacar a solidão dessa velha, mas também observar o seu respectivo esquecimento por parte da sociedade e por parte da História. Ressaltaremos a importância conferida à posse de uma casa precária como registro no tempo. Com o avançar das reflexões, perceberemos que outros elementos característicos da obra gersiana aparecerão, como é o caso da relação entre o feminino e o divino, dada à figura dos anjos nas últimas páginas, além da libertação da mulher que passou a vida a sublimar a precariedade em que vivia, julgando-a, em seu estar no mundo, adequada ou suficiente.

Com efeito, dividimos esta leitura em três partes. A primeira apresenta algumas reflexões sobre a solidão e o esquecimento dos velhos na sociedade contemporânea, tomando por base o cotidiano dessa “velha felicíssima”. No segundo momento, a partir das questões levantadas, observaremos a importância da casa como um registro,

mesmo que muito singelo, da velha no espaço e, conseqüentemente, na História. A casa é lida neste artigo como um símbolo de resistência à opressão imposta aos idosos na nossa sociedade. Por fim, estaremos diante da morte da personagem – um evento esperado por ela – como o momento clímax do conto, tomando a morte como o acontecimento emancipador da mulher, isto é, o momento em que a velha se torna livre e integrada ao divino.

DE SOLIDÃO E ESQUECIMENTO: A VELHA ERA FELICÍSSIMA?

O esquecimento já se faz presente no título. A própria construção sintagmática, “A velha”, carece de uma referência específica: a idosa não tem um nome, não ganha um rosto, tampouco uma voz audível. No entanto, o conto, narrado em terceira pessoa, assinala a presença sutil e subliminar dos sentimentos e pensamentos da personagem feminina. A falta do nome reforça o desleixo com os velhos na sociedade e reitera o esquecimento pela História, assim como a falta da voz resulta na conseqüente destruição gradativa dos pilares da memória, como sinalizado por Marilena Chauí.

Transformamos, então, a primeira frase do conto em uma pergunta: a velha era, realmente, “felicíssima”? Além de notarmos a natureza irônica que envolve a escrita do conto, tal questionamento faz evocar os estudos de Simone de Beauvoir sobre a velhice:

A sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um nível de vida tão miserável que a expressão ‘velho e pobre’ constitui quase um pleonasma; inversamente, a maior parte dos indigentes é de velhos. O lazer não abre ao aposentado possibilidades novas; no momento em que é, enfim, libertado das pressões, o indivíduo vê-se privado de utilizar sua liberdade. Ele é condenado a vegetar na solidão e no enfado, decadência pura (Beauvoir, 2018, p. 11).

A felicidade da velha se encontra em singelas atitudes recorrentes que completam o seu dia. Por conta do seu conformismo com a pobreza, a velha contenta-se com o pouco que tem, sente nada lhe faltar. A expressão “velho e pobre”, nesse conto, constitui de fato um pleonasma, uma vez que não se trata apenas da pobreza financeira, mas também da pobreza afetiva:

Só nessa manhã tinha encontrado um lugar vago num banco de jardim, nem demasiado à sombra nem demasiado ao sol, o eléctrico não vinha excessivamente cheio e também conseguiu lugar, o padeiro disse-lhe bom dia com um ar tão simpático, quando ela deixou em cima do balcão o dinheiro de três carcaças, e o empregado da mercearia ficou a conversar depois de lhe dar o troco e perguntou-lhe se gostava daquela marca de café (Gersão, 2020, p. 110).

O conto mostra uma personagem feminina em degenerescência, portadora de uma vida metódica, que segue à risca a rotina e não varia suas atividades. Como vive sozinha, a interação com os funcionários do comércio frequentado a faz bem, mesmo que o contato seja unicamente por educação ou por formalidade. Nesses pequenos e rápidos momentos, a idosa fica convicta – ou tenta convencer-se a si própria – de que “o mal de muita gente era não saber dar o devido valor às coisas” (Gersão, 2020, p. 110).

Como afirmado por Simone de Beauvoir (2018, p. 11), “o lazer não abre ao aposentado possibilidades novas”. O prazer da velha reside em andar de eléctrico, um meio de transporte antigo, quase que turístico, em comparação aos modernos ônibus, carros e comboios. Isso também pode ser uma escolha orientada por uma memória afetiva, pois a velha pode ver o eléctrico como parte de sua infância e juventude naquela cidade, remetendo-a às lembranças de quando era mais nova e aos hábitos adquiridos de que não abre mão.

O eléctrico representa, por sua vez, a permanência de elementos do passado na paisagem moderna, sempre a seguir os mesmos trilhos. A velha circula a cidade pelos trilhos do passado, em outra velocidade, sempre a ver as constantes mudanças no espaço. O prazer da idosa é, por assim dizer, enxergar o moderno por veículos que remetem ao passado. As voltas de eléctrico são formas de observar a sociedade, a vida que passa e o tempo que se esvai. Não é só por ser um passeio econômico, em “A velha”, o eléctrico funciona como um cinema:

Por isso não ia ao cinema. Televisão via bastante, claro, mas dava-lhe mais gozo andar de eléctrico. Em vez de ficar fechada em casa, andava no meio das pessoas e das ruas, mas sem se cansar, bem sentada. Gozando o espetáculo dos outros — olha ali aquela montra iluminada, aquele homem a correr, aquela mulher ajoujada com o cesto de couves. E ela ali, recostada na cadeira, sem carregar pesos, nem sequer o peso do seu próprio corpo — dava-lhe vontade de rir, tamanha felicidade (Gersão, 2020, p. 113).

Um cinema mudo, sem falas de ambos os lados, somente imagens cotidianas. Ela observa essas imagens de um modo à margem, não estando em cena alguma, isto é, o sentimento de não pertencimento àquele espaço. De certo modo, é uma forma de não aceitação da realidade que a negligencia. A insegurança com o presente resulta na preocupação de poupar dinheiro e inibe qualquer tentativa de conscientização sobre a perda da sua própria dignidade.

A ela, benzesse-a Deus, chegava sempre. Tinha tudo, e não precisava de se privar de nada. Mas é verdade que sabia poupar. Nunca estragava comida, nem deitava fora o que sobrava, nem sequer meia carcaça, podia muito bem aproveitá-la na refeição seguinte. Tomava banho aquecendo água numa panela e despejando-a aos poucos sobre si própria, depois de se ensaboar, sentada num banquinho de plástico, junto ao ralo do chão (Gersão, 2020, p. 110-111).

Ocorre uma animalização dessa velha, o banho é comparável aos dos bichos. Há de se notar o termo “carcaças”, alimenta-se do resto de comida. E não é a primeira vez que esse termo surge no conto. Anteriormente, lemos “dinheiro de três carcaças”, já nos apontava o estado de miserabilidade da idosa. Para Ecléa Bosi:

A velhice, que é um fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais difíceis de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças (Bosi, 1994, p. 79).

A diminuição dos idosos destrói a sua função social: a preservação da memória, até porque “a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos” (Chauí, 1979 *apud* Bosi, 1994, p. 18). A submissão a essa situação alarmante é uma maneira de destruir a História, de negar a nossa cultura e de marginalizar as nossas lembranças coletivas.

O passado pouco importa ao capitalismo, na verdade. Nada pode estar acima dos projetos do presente e dos lucros do futuro. Contudo, antes de sermos velhos, todos nós passamos pela juventude e vendemos a nossa força de trabalho à sociedade por anos a fio. Isso implica dizer que o sistema capitalista nos vê como mercadoria. No momento em que “ficamos para trás” e não somos mais capazes de produzir em larga escala, resta-nos o abandono, o que também ocorre no ambiente familiar.

Além de “A velha”, Teolinda Gersão apresenta essa mesma questão noutro conto, intitulado “Vizinhas” e presente na antologia *Alice e outras mulheres*:

Mas não tinham medo dos cães, nem era deles que fugiam. Infelizmente era das pessoas. Das famílias.

Lembravam-se, por exemplo, da Madalena do Álvaro.

Começara com uma ferida num pé, uma coisa de nada, só que não sarava. Foi ao hospital, cortaram-lhe a perna, e ela ainda viveu três anos, amarrada com um lençol a uma cadeira de rodas para não tentar levantar-se, repetindo a toda hora que a deviam ter deixado morrer. E razão não lhe faltava, mais valia morrer do que viver assim.

E depois aconteceu pior ainda ao Janeco: também começou com uma ferida num pé, cortaram-lhe a perna e um ano depois cortaram-lhe a outra. Estava em casa de um filho, que o levou para o hospital, mas depois não o quis de volta, acabou num lar, onde ficou a apodrecer vários anos.

Ir para casa dos filhos, para o hospital, ou para um lar era o maior dos perigos. Elas bem sabiam o que por lá se passava (Gersão, 2020, p. 124-125).

Os agonizantes casos de Madalena e de Janeco têm em comum, além da morte, a amputação de ambas as pernas. A falta dos membros inferiores representa a total dependência desses idosos até o último dia de vida, por assim dizer, indivíduos sem a liberdade de caminhar e à mercê de tamanhas barbaridades. A velha disso sabia e mantinha contato eventual com vizinhas, no feminino e no plural:

Tinha vizinhas, claro, e a porteira. Não havia dia em que não aparecesse uma, ou até mais que uma, a desabafar, contar novidades, ou simplesmente a saber como ela estava. E havia a Madalena, que deixara de ser vizinha porque fora viver para casa de uma filha, mas não se esquecia dela e telefonava. As mais vezes para

lamentar ter saído dali, e aproveitando para se queixar do genro (Gersão, 2020, p. 114-115).

A amiga Madalena pode vir muito a ser a Madalena do conto “Vizinhas” pela similaridade dos acontecimentos. As “Vizinhas” são, portanto, companheiras da velha, mostrando o laço afetivo entre mulheres da mesma faixa etária em situação semelhante. Juntas formam o mais próximo de uma família, pois há uma notória preocupação em visitar, ter notícias e conversar. No entanto, tais laços afetivos de sociabilidade se rasuram ou se reconfiguram a partir do momento em que uma delas é deslocada do local de origem.

A velha tanto sabia desses casos que não aceitava sair de sua casa, aguardava também a morte vir e levá-la de vez:

Também tinha pavor de que a pusessem num lar. A família podia fazer isso, se por exemplo ficasse inválida, se alguma coisa má lhe acontecesse, se alguém tivesse de decidir por ela. Sim, disso tinha medo. Da morte não, ou pelo menos não tinha muito medo, embora houvesse algumas coisas desagradáveis ligadas à ideia da morte (Gersão, 2020, p. 116).

O velho se torna um custo a mais. Nesse sentido, são mandados para longe das famílias e postos em lares e asilos, uma realidade desde antes do século XX. Os filhos, assim como os pais, podem também beirar à miséria, faltando-lhes recursos para “sustentar bocas inúteis. Às vezes, desembaraçavam-se delas, abandonando-as em asilos” (Beavouir, 2018, p. 195).

Não sabemos efetivamente se é este o caso dos filhos da velha, mas percebemos que, ricos ou pobres, eles não dão mais por ela; nem os netos: “escrevia de vez em quando aos filhos e aos netos, mas poucas vezes, porque percebera que eles não tinham tempo de ler as cartas” (Gersão, 2020, p. 114). No campo simbólico, isso

demonstra o desinteresse das novas gerações pelas antigas, o desprezo pela memória e a valorização da correria cotidiana – que não centraliza os laços afetivos.

O ritmo da contemporaneidade não contempla o fortalecimento de laços afetivos e o cuidado com o outro; pessoas ignoram datas importantes e deixam para trás o que deveria ser priorizado. Voltamos a ver a velha no eléctrico, que, ao contrário da intensa velocidade da vida, observa lentamente aquelas cenas caóticas e superpostas do dia a dia.

A velha escolhe a lentidão por saber do peso que as perdas têm em nossa vida. Num dos momentos mais comoventes do conto, lemos: “o Jacinto, antes de mais, e depois praticamente todos os amigos, e a família da sua geração. Durante anos afligira-se, de cada vez mais riscava mais um telefone na agenda e via os nomes diminuírem a passos largos. Até que finalmente só restara ela” (Gersão, 2020, p. 114). Na velhice, a saúde é apenas uma das perdas, sentimos a falta de familiares, amigos e colegas que já se foram. O tempo passa muito devagar aos velhos e os dias são fontes de aflições, de incertezas e de medo, palavra muito recorrente nesse conto.

A CASA

Demos o título a este artigo de “Ali morou uma velha qualquer”. Com base nas reflexões acima, é entendível o medo da velha de perder a sua casa, pois ela é o seu único registro no tempo. O seu lar, que nada tem de moderno ou visualmente bonito, apresenta-se como um espaço extremamente humilde e de pouca decoração. Importante deixar claro que, conforme Monica Figueiredo, “a casa é um abrigo de corpos” (Figueiredo, 2011, p. 14), assim, abriga-se ali a História. Quando a morte bater à porta, a estrutura da casa ainda permanecerá dando indícios de que, um dia, ela foi habitada, mesmo que nunca saibamos o nome. No interior, os objetos que enfeitam o

ambiente marcam o lugar da morada na escala social (cf. Figueiredo, 2011, p. 65); muito diferente das casas burguesas com todo o revestimento e as excessivas decorações, na casa da velha um ferro de engomar “pesado como chumbo” (Gersão, 2020, p. 111) ganha cena:

Não precisava de mais nada, pensava enxugando-se com prazer na toalha limpa e cuidadosamente passada a ferro. É certo que algumas casas tinham quarto de banho modernos, com banheiras onde até cabia deitado e onde a água quente nunca acabava nas torneiras. Mas, mesmo não tendo nada disso, não deixava a gente de tomar banho, com um pouco de habilidade e de esperteza. E tinha certeza de que nem os ricos tinham toalhas melhor passadas do que as dela (Gersão, 2020, p. 111).

O ferro antiquado, ainda com sua utilidade, acentua a identidade da velha e sua posição no mundo. Trata-se de um objeto biográfico, isto é, elementos que envelhecem juntamente com o seu possuidor e permanecem incorporados a sua vida (cf. Bosi, 1994, p. 441). O ferro é uma espécie de consolo e promove uma suposta vantagem dela sobre os ricos, as toalhas deles nunca serão tão bem passadas como as dela. Ele serve de argumento para a idosa permanecer rejeitando o novo e continuar a manter os objetos do passado e sustentar a sua ilusão de que nada precisa. Por isso o apego aos objetos antigos, além do ferro, o “relógio da parede, a estante, a mesa, o guarda-louça, as cadeiras” (Gersão, 2020, p. 115). Eles a protegem, sua segurança está na história que cada elemento evoca em sua memória.

Estava tão bem na sua casa, no seu quintal do tamanho de um lenço, onde podia apanhar sol quando não saía à rua e onde tinha a criação, para se entreter. Agora eram só galinhas, mas já tivera também coelhos. Acabara com eles quando começou a não poder baixar-se para lhes apanhar a erva. Teve pena, mas, vendo bem, as galinhas bastavam. Tinha sempre ovos, de vez em quando pintos, e depois a filha da porteira vendia-lhe os frangos no mercado.

Frangos do campo, mais caros e muito mais saborosos do que os outros. Sempre era um rendimento, e além disso um entretém e uma companhia (Gersão, 2020, p. 115).

Mesmo na tentativa de ver sempre o bom lado da pobreza (se há um), a velha aparenta ter a noção de que a casa é o seu único registro na História. Todas as suas lembranças se limitam a uma área “do tamanho de um lenço”, e sua identidade reside naquelas paredes. Para os velhos que não se reconhecem mais como membros ativos da sociedade, a antiga casa torna-se o seu mundo particular, portanto, a felicidade está longe do presente e abrigada nos objetos que remetem ao passado. Observa-se, assim, o entretecimento do tempo e do espaço, preservados através das pobres memórias de uma velha e de seus “objetos biográficos” em desuso na sociedade atual.

No universo da idosa, a casa é “o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções” (Bosi, 1994, p. 435). A casa é um ponto de permanência em meio às mudanças da cidade, o único lugar em que ela se vê refletida. É um caso de “solidão de exílio” (Beauvoir, 2018, p. 192) dentro da própria morada, é uma outra realidade que contrasta com o que se observa nas ruas.

Explica-se o tamanho medo do despejo, mesmo com propostas de uma casa melhor com mais regalias e boa estrutura. Um ponto importante é que a casa não é própria da velha, ela não teria condições para tal. O espaço em si não é dela, mas as memórias que se constroem e que estão lá presentes são. E é isso que importa a este texto. Despejá-la ou destruir a casa são meios de enterrar definitivamente aquelas memórias. No sentido espacial, a perda dessa morada é o apagamento total da História daquele lugar, que passa a abrigar somente o novo e negligencia o passado, acatando as expectativas da sociedade capitalista.

Ao retirarmos esse pedaço de passado da cidade contemporânea, tornamos a velha ainda mais invisível, por isso o conto, em nenhum momento, fala seu nome. Ela está morta, e ninguém talvez tenha dado por ela. Afinal, para a concepção capitalista, a vida continua a todo custo, o tempo corre normalmente, e nada dos registros dessa pobre velha ficaram. No fim, ela virou um nome riscado das agendas daqueles que ainda a procuravam.

Sobre a aceitação da pobreza, cabe ainda uma outra possibilidade de leitura quando evocamos a História. Ficou evidente que a velha nunca pertencera a uma alta posição social, nem sequer nos tempos de sua juventude, como pode ser visto pela casa em que morou e como se portou diante da solidão. As atitudes da velha muito podem ter a ver com a formação de sua mentalidade enquanto jovem, ou seja, com a alienação do regime do Estado Novo, sob o comando de António de Oliveira Salazar.

Vários foram os posicionamentos de Salazar em relação à pobreza, de modo a endossá-la e até romantizá-la como parte da cultura lusitana. O regime tentara impor aos portugueses o lado positivo de ver a pobreza, orientando-lhes a relacionar o “ser pobre” como um sinônimo de humildade e de caridade. Essas virtudes compunham o discurso salazarista para a manutenção do poder e para apaziguar as possíveis revoltas populares, um dos grandes medos do ditador: “essa boa gente que me aclama hoje, levada por paixões momentâneas, não poderá ser aquela que tente revoltar-se amanhã, levada por outras paixões?” (Salazar, s.d *apud* Rosas, 2014, p. 33).

A alegria da pobreza resumia-se em se aproximar dos valores deixados por Cristo, logo, o povo português, no estado de pobreza, estaria mais perto de Deus, então teria uma vantagem sobre os ricos. A pobreza como humildade era uma forma eficaz de castração do português, que respinga até hoje em seus membros mais idosos. E

assim vemos a velha do conto, mesmo passados muitos anos depois da morte de Salazar e do 25 de Abril.

Não falamos de uma convivência com o antigo regime, de modo algum, mas afirmamos o fato de que, embora ele tenha vindo a cair, infelizmente as mentalidades permaneceram. A total passividade da personagem em relação ao seu estado é a prova disso. Ela, naturalmente, internalizou os valores da ideologia salazarista e constituiu, então, um retrato dos vestígios dessa mentalidade, também capitalista, e os seus agoniantes efeitos nessas vidas. O superlativo não só demarca a ironia, como revela a crítica à alienação inerente ao comportamento da velha, tema historicamente enraizado e recorrente na ficção gersiana.

A ASCENSÃO AOS CÉUS

A morte aconteceu na véspera de Natal. Interessante pensar que se trata de um movimento contrário ao de Cristo. No dia em que se celebra a tradição bíblica de festejar a vida e a chegada de Jesus, a velha parte. Ao contrário de uma casa em espírito natalino com enfeites, mesa farta e familiares reunidos, a personagem está sozinha na velha casa escura – esquecida pela família. Não há luzes coloridas ou árvores decoradas, apenas o silêncio. Ela adormece e, com isso, transita da sua realidade ao sonho. O limite entre realidade e sonho é uma característica comum à ficção de Teolinda Gersão. Conforme Isabel Pires de Lima, o sonho é um tema essencial no universo ficcional da autora, principalmente a ação de sonhar “como força transformadora do real e emancipadora da mulher” (Lima, 2002, s/p).

A emancipação da velha é a morte cujo efeito é a sua libertação dessa vida tão sofrida. No sonho, ela não está mais sozinha, pois anjos batem à sua porta carregando o caixão, que os deixa entrar sem cerimônias ou hesitação, como se fosse um momento defini-

tivamente esperado. A professora Ângela Beatriz de Carvalho Faria analisa a figura do anjo na obra gersiana:

O que está escrito na contracapa de ‘O mensageiro’, já nos propõe, de forma sedutora, uma chave de leitura. Vejamos: ‘o amor, a morte, a revelação: situações-limites, que uma figura de anjo atravessa. Uma história do sobrenatural? Não, ou pelo menos não necessariamente. O que nesta história nos deslumbra (ou nos perturba) é porventura apenas a descoberta do humano’ (Faria, 2014, p. 83).

Os anjos funcionam como mediadores entre o mundo terreno e o mundo divino, o ponto de interseção entre eles. No entanto, são figuras dúbias por representarem simultaneamente a anunciação (um início) e a morte, pondo fim à vida terrena como um advento da vida eterna. Inegavelmente, são “situações-limites” vivenciadas pelas personagens e que nos possibilitam ver o encerramento do ciclo morte-vida através do sonho libertador.

Toda a vida sofrida da personagem feminina é, certamente, de conhecimento dos anjos que, oniscientes e intermediários entre o céu e a terra, vêm de muito longe para buscá-la. Com a chegada dos seres divinos, a velha vê-se livre das ruínas da sua própria história que julgara, até então, um porto seguro. Os anjos não relutam em libertá-la, pelo contrário, acolhem-na e retiram-na da opacidade, crueldade e desprezo inerentes à História oficial.

Olhemos os anjos do conto que se inserem na realidade cotidiana:

Os anjos comiam com satisfação, pegavam no pão com as mãos calejadas e afastavam dos olhos os cabelos ralos, que o suor lhes colocava à testa.

– A senhora está p-pronta? perguntou finalmente um deles sem levantar os olhos do prato (Gersão, 2020, p. 116).

Um deles é gago. A gagueira e as causas de sua manifestação em tese resultam de um trauma e denotam a ansiedade e o susto. Sua condição talvez resida no fato de observar a nossa violenta História, capaz de provocar sequelas, no momento em que ele se deparou com as ruínas de uma existência precária e esquecida. A cadeia de eventos que remonta à trajetória da velha em vida é trágica e, por vezes, injusta desde sua infância até a ilusão de julgar-se “felicíssima”.

O anjo, agora traumatizado, está aqui para nos lembrar que, dos tempos autoritários até o presente, pouco ou nada mudou. A idosa envelheceu entre esses períodos; ela representa a permanência da opressão e da negligência com nosso povo. Ainda vivemos em desgraça e o anjo ficará para sempre com as imagens do que nunca deixamos de ser.

Então, a velha merece descansar com lugar nos altos céus. A morte é um evento e o momento clímax do conto, por ser tratar do único acontecimento relevante naquela vida. O único momento em que algo acontece no conto, porque rompe perpetuamente com a rotina monótona e com a sua condenação a essa mediocridade imposta durante toda a velhice, quiçá antes dela. A idosa está, finalmente, livre e emancipada:

Ela acenou que sim com a cabeça. Vestiria a sua melhor roupa, pensou num relance, e prenderia o cabelo com ganchos sobre a nuca. Eles dar-lhe-iam tempo para isso. E para colocar ela mesma duas jarras de flores de ambos os lados, à cabeça aos pés (Gersão, 2020, p. 117).

A velha prepara o seu próprio velório, ela mesma vela-se. Num ato explícito de solidão, o conto direciona a uma pergunta: quem notará a morte dela? Definitivamente, não será a História. Talvez, somente as vizinhas ainda vivas e que ainda a procuram. E quando elas partirem? Quem lembrará dessa idosa? A resposta é ninguém, justificada

pela ausência do nome. Seu único registro é, portanto, o pequeno espaço da casa. Um dia, a quem interessar sobre essa casa miserável dirá: ali morou uma velha qualquer.

A morte da velha se dá perante a sua história, o que resulta na morte da casa e no enterro das suas memórias, que vão juntas a ela na partida:

– Só que aí dentro não vou ver nada, disse a velha, reflectindo um pouco. Preferia que me levassem juntamente com a casa e todos os objetos.

– Não é p-possível, disse um dos anjos.

– Mas, se a senhora prefere, podemos levá-la sentada na cadeira, disse o outro.

E já de repente estava fora da casa, acima do telhado, sentada na cadeira, com os anjos a empurrar, cada um de seu lado, ela podia ver os telhados das outras casas, as ruas que se tornavam pequenas, como se andasse de avião, imaginava que devia ser assim que se andava de avião, ganhando altura (Gersão, 2020, p. 117).

Somente na morte é que a velha conhece e vê o espaço em que viveu. Na passagem, tudo ganha um novo ângulo, muito mais panorâmico e que amplia o campo de visão. Em vida, nunca tivera a oportunidade de expandir horizontes, desde cedo castrada à monotonia da vida sem qualquer emoção. A morte é motivo de felicidade, o voo em direção aos céus, como um pássaro, é a representação da sua liberdade.

A cena lembra muito as pinturas religiosas de Nossa Senhora, principalmente as reproduções da sua ascensão aos céus cortejada por anjos. Como nesta obra do pintor português André Gonçalves, localizada no Palácio Nacional de Mafra:

“Assunção de Nossa Senhora”, de André Gonçalves, datada do século XVIII



Fonte: Gonçalves (séc. XVIII).

A Virgem tem as nuvens como trono, a velha tem a sua cadeira. Isso intensifica a relação mulher-divino da narrativa de Teolinda Gersão, ao retratar a personagem ascendendo aos céus como uma santa. Há na velha um pouco da narrativa bíblica de Maria: seria esse o seu nome? Mas Maria é uma mulher lembrada por uma tradição bíblica, essa velha não tem a mesma graça. E talvez seja por isto: a velha sem prestígio lembra todas as mulheres que sofrem a dor do abandono, e a toda uma classe etária diariamente asfixiada pela sociedade. Ela é, por isso, uma espécie de santa, não por ser religiosa, mas por ser uma representação das nossas próprias mazelas enquanto sociedade.

Não obstante, naturalmente, sua morte ocasiona a morte de suas galinhas, que vão em seu colo, suas únicas companhias. A casa da idosa nesse dia de Natal está plenamente vazia, tomada pelo silêncio de uma vida esquecida. Na subida com os anjos, ela observa “tudo tão claro lá de cima — as árvores, os telhados, as casas, os carros muito pequenos nas estradas, os rios e as pontes, a orla do mar, os campos semeados, as montanhas” (Gersão, 2020, p. 118), paisagens essas que muito provavelmente nunca vira de perto, agora tudo estava revelado. Sim, ela era felicíssima em sua morte. Seguiu em direção ao infinito, uma viagem que nunca mais retornará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da velhice, restam apenas ruínas. Nesta leitura, procuramos apresentar a marginalização desses velhos, condenados à solidão e ao esquecimento. A monotonia da vida da personagem, infelizmente, é uma realidade comum a tantos outros idosos espalhados pelo mundo, o que denuncia o nosso fracasso como sociedade com quem mais precisa de nossos cuidados.

Isso reafirma o desprezo da sociedade capitalista pela memória. No conto gersiano, a autora não dá voz, explicitamente, à idosa, mas capta seus pensamentos e sentimentos mais íntimos. Teolinda Gersão procura, dessa forma, trazer o avesso de uma narrativa oficial da História onde, através de um sistema sociopolítico desejado e utópico, todos teriam liberdade. Como vimos, o cotidiano medíocre e a preocupação com o dinheiro são formas de aprisionamento no mundo contemporâneo à luz das constantes instabilidades políticas que ainda marcam presença neste século. Devemos considerar que essa prisão contemporânea é herança dos regimes passados. O conformismo da velha com a pobreza nos remeteu ao regime salazarista e à imposição do “pobre e feliz”, lema retido no imaginário português e ainda presente na memória desses velhos. Uma prisão eterna.

De forma muito comovente, são relatados a perda de dignidade e o processo de animalização desses velhos, que fazem das carcaças os ingredientes de suas refeições. Sabemos que isso não se restringe aos velhos atualmente, e que podemos expandir esse retrato às comunidades, aos grupos e às famílias nessa situação de miserabilidade de um sistema que valoriza o lucro e o poder, não as pessoas. Todos com a sua história esmagada pelo discurso da História oficial.

A casa representa, enfim, uma resistência a esse discurso da História. É através da sua morada precária que a velha assume a sua posição de resistente (e de sobrevivente) às atrocidades impostas tanto a ela quanto aos velhos. Por isso, sente-se tão protegida por seus objetos, porque a memória individual contida na área da casa é a fonte de sua vida e do seu registro no tempo. Quando morre, suas memórias se esvaem com ela e a casa fica vazia, totalmente sem vida, mas ela ainda permanece no espaço. Por assim dizer, mesmo que nunca saibamos o seu nome ou a sua história, teremos ciência de seus vestígios no tempo, afinal, habitar a casa é também habitar a História. E isso também é resistir, pois naquela velha casa morou uma velha qualquer. Uma história a ser desenterrada, uma velha a nomear e um passado a rever.

Portanto, esse conto é profundamente político ao pôr em cena uma vida miserável, pobre e esquecida por nós, realidade que talvez nunca estejamos perto de vivenciar, mas que está ao nosso lado. A solidão da velhice existe e permanece, sendo apenas uma das várias formas de opressão no mundo contemporâneo. Carregada por anjos, a velha, agora uma santa que ascende aos céus, encontra-se livre e felicíssima em outra dimensão, mas o seu registro se faz timidamente presente naquela casa, que se tornou a memória física da personagem, isto é, o seu corpo e o seu espírito se foram, mas a sua história pessoal ainda vive naquele espaço. E haverá sempre de resistir aos discursos que tentem destruí-la.

RECEBIDO: 13/06/2023 APROVADO: 04/09/2023

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução: Maria Helena Franco Martins. 2ª ed (digital). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. “Os trabalhos da memória” (1979). Prefácio. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. A integração contínua entre o humano e o divino: em Adélia Prado e Teolinda Gersão. In: DIAS, Ângela Maria; COUTINHO, Eduardo F; TORRES, Maximiliano (orgs.). *Angélica Soares: memória sem margens*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. p. 82-93.
- FIGUEIREDO, Monica. *No corpo, na casa, na cidade: as moradas da ficção*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.
- GERSÃO, Teolinda. “A morte não me assusta nada”. *Notícias Magazine*. Porto, 26 de fev. 2017. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2017/teolinda-gersao/historias/25590/>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- GERSÃO, Teolinda. “A velha”. In: *Alice e outras mulheres*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020. p. 110-118.
- GERSÃO, Teolinda. “Vizinhas”. In: GERSÃO, Teolinda. *Alice e outras mulheres*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020. p. 124-129.
- GONÇALVES, André. *Assunção de Nossa Senhora*. [18--].
- LIMA, Isabel Pires de. Ainda há contos de fadas? O caso de Os Anjos de Teolinda Gersão. *Revista Semear*, 7, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://catedravieira-ic.letas.puc-rio.br/sumario/7/a-situacao-da-narrativa-no-inicio-do-seculo-xxi>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- ROSAS, Fernando. *Salazar e o poder: a arte de saber durar*. Lisboa: Tinta da China, 2014.

MINICURRÍCULO

LUCAS PESSIN é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Literaturas Portuguesa e Africanas) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Licenciado em Letras: Português/Literaturas pela mesma instituição com grau Magna Cum Laude (2022). Tem interesse nas relações entre literatura, História e memória com ênfase na narrativa portuguesa do século XX.